



**Oficinas de casas para aves no ensino fundamental: implicações para
conscientização ambiental**

**Birdhouse workshops in elementary education: implications for
environmental awareness**

Geise Carolina de Oliveira¹

<https://orcid.org/0009-0000-1762-1100>

Viviane Rodrigues Alves de Moraes²

<https://orcid.org/0000-0002-7040-1606>

Data de submissão: 19/05/2026

Data de aceite: 11/06/2026

Resumo

Este estudo teve como objetivo compreender as possibilidades de conscientização ambiental a partir do desenvolvimento de uma oficina pedagógica para a construção de casinhas para aves em uma escola rural no município de Indianópolis (MG). As atividades foram organizadas em etapas que envolveram a investigação dos conhecimentos prévios dos/as estudantes, a observação das aves no espaço escolar e a confecção das casinhas, buscando articular teoria e prática em um processo participativo. Os registros, compostos por questionários, anotações, imagens e produções dos/as estudantes, revelaram indícios de que a proposta favoreceu reflexões sobre interdependência ecológica e relações de cuidado entre humanos e não humanos. A experiência reforça o potencial das oficinas pedagógicas como estratégia para a Educação Ambiental crítica, na medida em que mobiliza dimensões cognitivas, afetivas e éticas, aproximando ciência, vida cotidiana e pertencimento.

Palavras-chave: educação ambiental crítica; oficinas pedagógicas; conscientização ambiental; pertencimento.

Abstract

This study aimed to understand the possibilities of environmental awareness through the development of a pedagogical workshop focused on building birdhouses in a rural school located in the municipality of Indianópolis (MG), Brazil. The activities were organized in stages involving the investigation of prior knowledge, bird observation within the school environment, and the construction of the birdhouses, seeking to articulate theory and practice in a participatory process. Records, including questionnaires, notes, images, and students' productions, revealed indications that the proposal fostered reflections on

¹ Universidade Federal de Uberlândia. oliveirageisec@gmail.com

² Universidade Federal de Uberlândia. Professora Instituto de Biologia (INBIO/UFU). vivimoraes@ufu.br





ecological interdependence and relationships of care between humans and non-humans. The experience highlights the potential of pedagogical workshops as a strategy for critical Environmental Education, as it mobilizes cognitive, affective, and ethical dimensions, bringing science, everyday life, and a sense of belonging closer together.

Keywords: critical environmental education; pedagogical workshops; environmental awareness; belonging.

Introdução

A crise ambiental contemporânea, marcada pela degradação dos ecossistemas, pelas mudanças climáticas e pelo esgotamento dos recursos naturais, não pode ser compreendida apenas como uma soma de desequilíbrios ecológicos, mas como a expressão de um modelo de desenvolvimento que compromete a própria continuidade da vida. Trata-se, como argumenta Loureiro (2004), de uma crise civilizatória que resulta de padrões de produção e consumo sustentados pela lógica do capital, pela exploração desmedida da natureza e pela fragmentação da relação entre seres humanos e meio ambiente. Nesse contexto, a Educação Ambiental (EA) se apresenta como um campo de disputa de sentidos: ou se reduz a uma prática pontual, normativa e conservadora, voltada para a adaptação ao sistema, ou se constitui como prática crítica, transformadora e emancipatória, vinculada a um projeto histórico de sociedade mais justa e sustentável (Leff, 2001; Carvalho, 2004; Guimarães, 2000).

É nesse horizonte que a escola adquire relevância central, pois, ao mesmo tempo em que reflete os condicionamentos sociais e culturais, também se coloca como espaço privilegiado de formação, capaz de tensionar discursos, promover reflexões e cultivar novos modos de ser e estar no mundo. Para Freire (1967), o ser humano não está apenas no mundo, mas com o mundo, e é nesta abertura relacional que se funda sua capacidade de intervir na realidade.

No cotidiano escolar, é possível identificar a diversidade de ambientes que extrapolam as paredes da sala de aula e que, quando reconhecidos como espaços educativos, revelam-se potentes para o processo de ensino-aprendizagem e para a reinvenção da prática pedagógica. A biologia, nesse contexto, apresenta-se como um campo fértil de possibilidades, pois permite explorar desde os microrganismos até os





ecossistemas complexos, relacionando desenvolvimento, reprodução e habitat dos seres vivos. Dentre as múltiplas estratégias pedagógicas, a observação das aves destaca-se como oportunidade de aproximação entre estudantes e natureza, favorecendo a articulação entre conhecimento científico e experiência sensível. Costa (2007) defende que este tipo de prática pode transformar a relação ser humano-aves e converter-se em ferramenta privilegiada para a EA, não apenas pelo valor cognitivo, mas também pela capacidade de despertar atenção, cuidado e encantamento. Assim, quando se promove a observação atenta de aves e a reflexão sobre seus comportamentos, habitats e formas de vida, favorece-se também a construção de uma consciência relacional, que rompe com a dicotomia sujeito-objeto e resgata a dimensão de pertencimento.

O pertencimento, como define Lestingue (2004), refere-se tanto ao enraizamento quanto à inserção em um todo maior, o que implica superar a lógica da separação instaurada pela modernidade entre natureza e cultura. Nessa perspectiva, a autora compreende o pertencimento como categoria ética e política, que reconecta o ser humano a si mesmo, ao outro e ao universo. Quando os/as estudantes aprendem a escutar o canto de algumas aves, a observar seus movimentos e compreender sua importância ecológica, desenvolvem uma experiência estética e sensível que transcende a dimensão utilitarista do conhecimento. Como destacam Veluza, Rechetelo e Pereira (2022), esta prática desperta sensibilidades e abre possibilidades para uma relação de cuidado e de reconhecimento da vida em sua pluralidade.

A observação das aves, portanto, não é apenas uma estratégia didática, mas uma experiência formativa que articula ciência, ética e estética. Ela amplia a percepção dos/as estudantes sobre a complexidade da vida e contribui para uma EA mais complexa (Andrade, 1993). No Brasil, a ornitologia oferece um campo rico de investigação, com 1.971 espécies registradas (CBRO, 2024), das quais a ordem Passeriformes, responsável por mais da metade das espécies de aves do mundo, apresenta grande diversidade de cores, cantos e comportamentos (Sick, 1997). Essas aves exercem funções ecológicas essenciais, como a dispersão de sementes e o controle de populações de insetos, além de estarem presentes no cotidiano dos espaços escolares. Nesse sentido, tornam-se mediadoras privilegiadas para uma prática pedagógica que alia observação, cuidado e pertencimento.





Diante desse cenário, o presente estudo propôs a realização de uma oficina pedagógica voltada à elaboração e confecção de casinhas para aves em uma escola da zona rural de Indianópolis (MG), compreendendo-a como prática educativas que articula o ensino de Biologia à EA crítica. A proposta partiu do reconhecimento de que o ambiente escolar, inserido em um território rico em diversidade arbórea e visitado por diferentes espécies de aves, poderia ser espaço fértil para práticas entre humanos e mais que humanos, com o potencial de promover a consciência ambiental e fortalecer o sentimento de pertencimento. Assim, ao promovermos a observação das aves, a compreensão de suas funções ecológicas e a intervenção humana concreta no ambiente, a proposta pedagógica buscou deslocar e tensionar abordagens instrumentalizadas e fragmentadas do conhecimento dissociadas da vida, aproximando-se de uma concepção de saber ambiental que reconhece a inseparabilidade entre dimensões ecológicas, culturais e sociais (Leff, 2001). Nesse sentido, o processo educativo mobilizado pela oficina intentou integrar conhecimentos científicos, experiências sensíveis e implicações ético-políticas no processo de ensino-aprendizagem, de forma que pudessem oportunizar a problematização da dicotomia natureza/cultura e a construção de vínculos de pertencimento e responsabilidade com a vida em sua pluralidade (Freire, 1967; Lesting, 2004).

No âmbito da pesquisa em EA e no ensino de Biologia, este estudo dialoga com abordagens contemporâneas que questionam o antropocentrismo e a universalização abstrata do conhecimento, enfatizando, em contrapartida, a produção situada do saber e as relações multiespécies. Haraway (2016), por exemplo, propõe pensar a educação a partir da noção de “fazer parentes”, deslocando o humano de uma posição central e reconhecendo os processos de coabitação e de corresponsabilidade entre espécies. De modo convergente, Tsing (2022) evidencia que a atenção às relações entre organismos, ambientes e práticas cotidianas permite compreender a vida como um conjunto de emaranhados instáveis, produzidos em condições de interdependência.

Apesar da crescente circulação desses referenciais no campo educacional, ainda são escassos os estudos empíricos que investigam como tais perspectivas podem ser experimentadas no cotidiano da Educação Básica, especialmente por meio de oficinas pedagógicas que envolvam o fazer material, a relação com seres não humanos e o território vivido. Ao analisar de que modo a confecção de casinhas para aves incide sobre





os processos de ensino-aprendizagem e sobre a formação de uma consciência ambiental relacional, esta pesquisa busca preencher esta lacuna, contribuindo para a aproximação entre debates teórico-epistemológicos contemporâneos e práticas educativas concretas no campo da EA crítica. Portanto, a questão que orienta esta investigação é: de que modo a elaboração e confecção de casinhas para aves, por meio de uma atividade didática, pode impactar o aprendizado dos/as estudantes, estimulando um olhar mais consciente sobre o meio em que vivem e promovendo a conscientização ambiental?

Metodologia

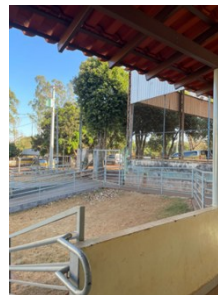
A pesquisa foi conduzida dentro da abordagem qualitativa, orientada pela compreensão interpretativa dos processos educativos em sua complexidade e contextualidade (Lüdke e André, 1986; Minayo, 2014). A investigação foi realizada no contexto natural da escola, caracterizando-se como um estudo de campo, uma vez que os dados foram produzidos no acompanhamento direto das oficinas pedagógicas, considerando as dinâmicas e relações próprias do cotidiano escolar (Gil, 2019). Do ponto de vista do delineamento analítico, o trabalho assume a configuração de um estudo de caso, pois se dedica à análise aprofundada de uma experiência educativa singular, desenvolvida em uma escola rural específica, delimitada no tempo, no espaço e nas relações que a constituem, mobilizando múltiplas fontes de evidência para a compreensão do fenômeno investigado (André, 2005). Para a produção dos dados, foram utilizados questionários, observação participante e análise de materiais elaborados pelos/as estudantes, mobilizados de forma articulada no processo interpretativo.

As atividades foram desenvolvidas em uma escola da zona rural do município de Indianópolis (MG), com a participação de 19 estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental (Figura 1). Indianópolis é um município de pequeno porte do Triângulo Mineiro, com parcela significativa de sua população residente em áreas rurais e com economia predominantemente vinculada à agropecuária, o que configura um contexto socioeconômico marcado por rendas associadas ao trabalho no campo e a atividades produtivas locais (IBGE, 2023). A escola atende estudantes provenientes de comunidades rurais do entorno, cujas trajetórias de vida são atravessadas por práticas culturais



relacionadas ao meio rural, como o convívio cotidiano com a natureza, a participação em atividades familiares ligadas ao trabalho agrícola e formas de sociabilidade próprias de territórios de baixa densidade urbana. O espaço escolar está inserido em um ambiente com expressiva diversidade arbórea e presença recorrente de diferentes espécies de aves, o que favorece a articulação entre os conteúdos escolares e as experiências socioculturais dos/as estudantes, contribuindo para o engajamento nas atividades propostas.

Figura 1 – Escola da Rede Municipal do Município de Indianópolis (MG)



Fonte: Autoras

Delineamos este estudo em três etapas principais. A primeira, realizada em 13/10/2024, consistiu na aplicação de um questionário inicial para levantar os conhecimentos prévios dos/as estudantes acerca das aves da região, seus hábitos e formas de conservação. Essa etapa orientou a definição das atividades posteriores.

Em um segundo momento, realizado no dia 27/11/2024, o grupo de estudantes do Projeto de Extensão e Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia “Mamíferos e Aves do Cerrado” (MAAVE) realizou uma visita à escola (Figura 2). O MAAVE é um projeto interdisciplinar que se dedica à pesquisa, conservação e educação ambiental sobre a biodiversidade do Cerrado, com ênfase em aves e mamíferos. Durante a visita, o grupo apresentou a importância da conservação ambiental e o papel das aves para o ecossistema por meio de uma apresentação oral e expositiva. Houve exposição de equipamentos utilizados na observação e registro de aves, como binóculos, guias ornitológicos e materiais didáticos. A atividade incluiu uma prática de campo na área da escola, na qual os/as estudantes puderam observar aves em seu habitat natural, identificar espécies, e compreender seus comportamentos.



A terceira etapa, iniciada em 28/11/2024, correspondeu à realização da oficina pedagógica. Nela, os/as estudantes participaram ativamente da organização dos materiais, da discussão sobre tamanhos e cores adequados e da construção de casinhas de aves, sempre com a mediação da professora. Ao final, as casinhas foram instaladas em diferentes pontos do espaço escolar e também nas residências dos/as alunos/as. Essa ação, mais do que possibilitar a aplicação prática de conhecimentos, buscou fomentar a reflexão sobre a importância do cuidado entre humanos e não humanos por meio da confecção de objetos que iriam contribuir de alguma forma para a vida/o bem-estar das aves.

Os dados da pesquisa foram obtidos por meio de questionários, registros fotográficos, materiais produzidos e por falas dos/as estudantes. Tais elementos, conforme assinala Minayo (2014), constituem registros significativos do cotidiano e ampliam as possibilidades de análise do fenômeno investigado.

Assim, montamos a sequência das atividades aplicadas em sala de aula com seus respectivos objetivos esperados para cada etapa, conforme no quadro 1.

Quadro 1- Organização das atividades didáticas

Atividades para oficina			
Etapa 1	Etapa 2	Etapa 3	Etapa 4
Objetivo/s: Contextualizar o tema e analisar o conhecimento prévio dos/as estudantes.	Objetivo/s: Verificar como será a participação dos/as estudantes durante as atividades.	Objetivo/s: Investigar as percepções dos/das estudantes sobre a observação das aves presentes na escola.	Objetivo/s: Verificar se os/as estudantes conseguem compreender a importância da conservação e preservação das aves.
Atividade 1: Os/as estudantes responderam ao questionário.	Atividade 1: Palestra expositiva, com a utilização de ferramentas para a aproximação dos/as estudantes com os pássaros e atividades propostas pelo grupo MAAVE.	Atividade 1: Oficina-Confecção das casinhas.	Atividade 1: Os/as estudantes colocaram as casinhas nas redondezas da escola, árvores e varandas.

Fonte: elaborado pelas autoras.

A análise dos dados foi realizada a partir do referencial teórico da Análise de Conteúdo, compreendida como um procedimento interpretativo voltado à apreensão de



sentidos e significados produzidos no contexto das práticas educativas (Bardin, 2016; Franco, 2007). O processo analítico envolveu leituras sucessivas dos materiais empíricos — questionários, registros das observações, falas dos/as estudantes e materiais produzidos durante as oficinas —, buscando identificar recorrências temáticas, regularidades e deslocamentos nos modos de compreender as aves, o ambiente e as relações de cuidado estabelecidas ao longo das atividades. Conforme propõe Minayo (2014), a análise não se restringiu à categorização do material, mas considerou os dados em articulação com o contexto sociocultural da escola, com a dinâmica das oficinas e com o referencial teórico que orienta o estudo, possibilitando uma compreensão densa e situada do fenômeno investigado.

Análise e discussão dos resultados

A primeira atividade foi a aplicação de um questionário para levantamento dos conhecimentos prévios que um grupo de 19 estudantes tinha sobre as aves de sua região. Esta atividade permitiu avaliar o nível de compreensão do grupo sobre estes animais/a avifauna local, e assim identificar caminhos pedagógicos que poderiam ser explorados para garantir um aprendizado significativo tanto para os/as estudantes quanto para o/a professor/a.

Os resultados do questionário apresentaram respostas significativas. Ao serem questionados se já haviam observado aves (pássaros), todos responderam positivamente, revelando que a experiência cotidiana com as aves é algo presente tanto no ambiente escolar quanto em seus lares. Um aluno afirmou: “Eu sempre vejo passarinhos voando perto da escola, principalmente perto das árvores.” Outro destacou: “Na minha casa, vejo muitos pássaros no pé de goiaba.” Quando solicitados a mencionar espécies conhecidas, surgiram nomes como “sabiá”, “joão-de-barro”, “canarinho”, “viuvinha” e “bem-te-vi”, além de relatos mais pessoais, como: “Eu conheço as maritacas, que têm muitas lá em casa” e “Lá em casa tem uma casinha de joão-de-barro.” Estas respostas evidenciam que o contato com as aves não se restringe a um conhecimento abstrato, mas emerge da vivência cotidiana, enraizada em práticas culturais e afetivas.





Em relação à reprodução das aves, 12 estudantes afirmaram já ter ouvido falar sobre o tema, enunciando comentários como: “Eu sei que os pássaros fazem ninho e botam ovos”, ou “Já vi na televisão que o macho canta para chamar a fêmea.” Outros sete, entretanto, declararam não possuir conhecimento algum a respeito. Esses dados revelam tanto a presença de noções básicas difundidas socialmente quanto lacunas no aprofundamento conceitual, apontando a relevância de atividades pedagógicas que transformem saberes espontâneos em conhecimentos científicos. Como assinala Vigotski (2007), a aprendizagem escolar tem o papel de reelaborar e ressignificar conhecimentos prévios, ampliando a compreensão crítica da realidade.

Quando indagados sobre ações possíveis para conexão com as aves, as respostas mais recorrentes destacavam a importância da manutenção das árvores, reconhecendo, ainda que de forma intuitiva, os nichos e habitats desses seres. Mencionaram também a proibição da caça, o que indica uma percepção inicial da influência das ações humanas sobre a vida das aves. Esse reconhecimento, mesmo em estágio embrionário, aponta para uma sensibilidade ambiental em formação, na medida em que desloca a relação com a natureza de um viés utilitarista para um olhar que incorpora o valor da vida não humana.

Tal percepção dialoga com a perspectiva apresentada por Veluza, Rechetelo e Pereira (2022), ao enfatizarem que as aves funcionam como mediadoras privilegiadas de processos de (re)sensibilização ao meio, justamente porque possibilitam reaproximar os sujeitos do ambiente em que vivem. A identificação das árvores como condição fundamental para a permanência das aves revela uma compreensão de interdependência ecológica, ainda que construída a partir de observações cotidianas. Trata-se de um movimento que se aproxima da constituição do que Carvalho (2004) denomina como “sujeito ecológico”, cuja formação se dá não apenas pela internalização de informações, mas pelo vínculo afetivo e ético com o meio.

Da mesma forma, o repúdio à caça presente nas respostas indica uma noção moral de responsabilidade diante dos outros seres vivos, como discutido por Gomes (2007); este autor identificou a emergência de um raciocínio ecológico-moral ao longo da infância que envolve os mesmos elementos constitutivos da moralidade, como regras, respeito mútuo, justiça, solidariedade e cooperação. Este dado reforça a importância de práticas pedagógicas que mobilizem a dimensão ética da EA, indo além de conteúdos descritivos



e estimulando processos reflexivos e emancipatórios, tal como defendem Loureiro (2004) e Leff (2001).

Ainda quanto às respostas ao primeiro questionário, uma aluna relatou o seguinte sobre a prática da construção de casinhas: “Meu pai fez umas casinhas para passarinhos e colocou lá em casa.” Estas manifestações sugerem que os estudantes não apenas reconhecem a importância das aves, mas já mobilizam práticas de cuidado, ainda que de forma inicial e pontual. A presença de tais respostas já revela um nível de conscientização inicial e indica que os estudantes demonstram sensibilidade e disposição para aprender mais sobre as aves.

Na segunda atividade, realizada em parceria com o grupo MAAVE, os/as estudantes tiveram a oportunidade de vivenciar aspectos concretos do trabalho de ornitólogos/as, explorando ferramentas utilizadas na captura e aprendendo sobre o manejo científico das aves, bem como observando diferentes tipos de ninhos, marcações, registros fotográficos e o uso de guias de identificação com nomenclatura científica. Esta aula prática ao ar livre, que incluiu o uso de binóculos para a observação direta das aves no ambiente escolar, constituiu-se como experiência singular de aproximação entre ciência e cotidiano, ampliando o repertório de aprendizagens e estimulando a motivação dos/as estudantes.

As falas espontâneas registradas — “Quando eu crescer, quero fazer isso [observar pássaros]!”, “Quero ser biólogo também!”, “Eu não imaginava que na escola tinha tantos pássaros assim” — indicam não apenas entusiasmo momentâneo, mas o despertar de processos de identificação e pertencimento. Conforme aponta Freire (1967), a educação ocorre na medida em que os sujeitos se reconhecem como seres em relação com o mundo, descobrindo-se como capazes de intervir nele. Nesse sentido, as manifestações dos/as estudantes revelam o potencial da prática pedagógica em suscitar novos horizontes de futuro, em que a relação com a natureza não se reduz à contemplação, mas se transforma em possibilidade de engajamento científico e ético.

Outro aspecto relevante foi a observação da variação temporal no comportamento das aves: no início da manhã foram identificadas 16 espécies, ao passo que, próximo ao meio-dia, apenas quatro aves foram visualizadas. Ainda que não tenham produzido registros formais, as conversas durante a atividade evidenciaram que os/as estudantes





compreenderam a importância dos diferentes períodos do dia para a presença das aves, relacionando essa dinâmica às estratégias de alimentação e reprodução. Esta percepção, mesmo que incipiente, demonstra a potência de práticas de campo no estímulo à curiosidade investigativa, como ressalta Carvalho (2004), que enfatiza a importância de experiências situadas, sensíveis e eticamente implicadas com o meio na formação do sujeito ecológico. As autoras Veluza, Rechetelo e Pereira (2022), defendem que, na observação de aves como prática educativa, o uso de recursos como binóculos, registros fotográficos e guias de identificação são capazes de aprofundar o olhar e a escuta dos estudantes.

Guimarães (2000) acrescenta que tais experiências contribuem para a construção de pertencimento, uma vez que permitem religar os sujeitos à natureza e ao território que habitam, articulando conhecimento científico, experiência estética e responsabilidade ética. Assim, a atividade com o grupo MAAVE não apenas ampliou o conhecimento empírico dos/as estudantes sobre a diversidade de aves locais, mas aproximou os/as estudantes do universo das aves de forma lúdica e significativa.

Figura 2- Atividade prática com grupo MAAVE



Fonte: Autoras

A oficina final, destinada à construção de casinhas para pássaros (Figura 3), configurou-se como momento privilegiado de aplicação prática dos conhecimentos trabalhados ao longo do projeto. Mais do que uma atividade manual, esta proposta possibilitou a construção coletiva do conhecimento de maneira participativa e questionadora, ancorada em situações concretas do cotidiano dos/as estudantes, como



defendem Nascimento et al. (2007) quando ressaltam o valor de práticas pedagógicas que aproximam ciência e vida diária.

Durante o processo, os/as estudantes demonstraram preocupação com aspectos relacionados ao bem-estar animal, como o tamanho adequado das casinhas, as cores mais propícias para atrair as aves e o espaço necessário para acomodar ovos e filhotes. Esta atenção aos detalhes sinaliza não apenas a assimilação dos conteúdos científicos trabalhados, mas também a emergência de uma postura ética e sensível diante da vida, revelando que a aprendizagem foi permeada por empatia e senso de responsabilidade. Como destaca Costa (2007), o estudo da avifauna torna-se mais significativo quando associado a experiências que despertam o encantamento e o cuidado, pois mobilizam dimensões afetivas fundamentais para a formação de sujeitos comprometidos com a preservação ambiental.

A oficina, portanto, pode ser compreendida como uma prática situada na perspectiva da EA crítica, uma vez que promoveu a articulação entre conhecimento científico, experiência estética e responsabilidade social. Essa dimensão crítica não se restringe ao domínio cognitivo, mas envolve também processos de subjetivação que fortalecem vínculos e sentidos de pertencimento. Como argumenta Lestingue (2004), esse pertencimento consiste em um enraizamento que integra sujeitos em um todo maior, permitindo que se reconheçam como parte das redes que sustentam a vida. Nesse horizonte, as falas e atitudes dos/as estudantes durante a construção das casinhas revelaram mais do que habilidades técnicas, pois, ao pensarem nas aves que ocupariam os espaços, manifestaram-se como sujeitos implicados em relações que conectam escola, natureza e comunidade. Vega e Schirmer (2008) defendem que as oficinas pedagógicas possibilitam analisar e confrontar as experiências prévias dos alunos/as sobre determinado tema com as trocas contextualizadas do cotidiano, consolidando um aprendizado crítico e significativo.

Pensamos que esta experiência ultrapassa a simples transmissão de informações sobre a biologia das aves, assumindo um sentido formativo mais amplo. Em sintonia com a perspectiva de uma EA crítica, ela tensiona modos tradicionais de pensar a relação humano-natureza, reconhecendo, como sugere Latour (2013), que vivemos em coletivos compostos por humanos e não humanos, nos quais as agências se entrelaçam. Nesse





horizonte, a construção das casinhas para aves não foi apenas um gesto técnico, mas um ato que materializa vínculos e responsabilidades, conectando ciência, estética e ética. Como defende Haraway (2008), é no “fazer com que emergem possibilidades de cuidado e coabitação, o que se evidenciou na postura dos/as estudantes ao pensar não apenas na funcionalidade, mas no bem-estar das aves. Assim, a oficina reafirmou o potencial da ornitologia escolar como prática que mobiliza sensibilidades, pertencimento e possibilidades de transformação social.

Figura 3 – Registros das elaborações das casinhas para aves durante a Oficina



Fonte: Autoras

Considerações finais

O objetivo geral do presente trabalho foi identificar e compreender os desafios e as possibilidades de conscientização ambiental a partir da aplicação de uma oficina pedagógica para o estudo da reprodução e habitat de pássaros da região de Indianópolis (MG), através da construção de casinhas para aves.

O desenvolvimento da oficina pedagógica possibilitou compreender que práticas educativas que integrem conhecimento científico, experiência estética e ação concreta favorecem processos de sensibilização ambiental e de pertencimento. Ao longo das etapas, os/as estudantes não apenas ampliaram seus saberes sobre a biologia das aves, mas também demonstraram empatia e responsabilidade ao refletirem sobre aspectos como o tamanho e a funcionalidade das casinhas, revelando que aprender é também implicar-se eticamente com a vida.

Esta experiência confirma o que defendem autores da EA crítica (Loureiro, 2004; Guimarães, 2000), ao evidenciar que a formação educacional não se reduz à transmissão



de conteúdos, mas à construção de novos modos de relação com os coletivos de vida. Ao aproximar a escola do território, por meio de ações contextualizadas e significativas, rompe-se com a fragmentação entre ser humano e natureza e reafirma-se a potência das práticas educativas para estimular um olhar mais sensível e investigativo.

Nesse sentido, pensamos que a experiência desenvolvida ao longo das oficinas evidencia que práticas pedagógicas centradas na observação, no cuidado e na materialidade das relações com o ambiente podem produzir aprendizagens significativas no contexto da EA escolar. A construção das casinhas para aves possibilitou aos/às estudantes reconhecer a presença dos pássaros em seu cotidiano, compreender aspectos de sua importância ecológica e refletir sobre formas de convivência e cuidado no espaço em que vivem. Ao compreender o aprendizado como um processo relacional, que se constrói no “fazer com” outros seres e com o território, a prática desenvolvida aproxima-se do que Haraway (2008) denomina como “produção de vínculos multiespécies”, nos quais o cuidado emerge da coabitação e da corresponsabilidade. De modo convergente, Tsing (2022) contribui para pensar essas experiências como encontros situados, marcados por emaranhados de relações entre humanos, aves, materiais e ambientes, que produzem aprendizagens não lineares e abertas à imprevisibilidade. Dessa forma, a confecção das casinhas para aves não se limita a uma atividade didática, mas configura-se como um exercício de atenção, convivência e implicação ética com a vida em sua pluralidade.

Por fim, o trabalho realizado pode ainda inspirar outras iniciativas que busquem articular teoria e prática em contextos diversos, utilizando recursos simples e acessíveis, mas com intencionalidade formativa. Em um cenário de crise socioambiental, é urgente que a escola assuma seu papel na promoção de experiências que cultivem cuidado, responsabilidade e esperança, reconhecendo a inseparabilidade entre humanos e não humanos. Assim, ações como a de construção das casinhas para aves demonstram que é possível ensinar ciências produzindo vínculos, encantamento e formas de cuidado construídas na convivência, nas quais aprender acontece no “fazer com” o ambiente e com os seres que o habitam.

Referências





ANDRADE, Marcelo de Carvalho. Educação ambiental: fundamentos e práticas. São Paulo: Cortez, 1993.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. Brasília: Liber Livro, 2005.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO). Listas das aves do Brasil. 2024. Disponível em: <https://www.cbro.org.br>
. Acesso em: [data de acesso].

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

COSTA, Ronaldo Gonçalves. Observação de aves como instrumento para a educação ambiental. Revista Brasileira de Educação Ambiental, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 45–56, 2007.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Análise de conteúdo: teoria e prática. Brasília: Liber Livro, 2007.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, Ligiane Raimundo. Moralidade e respeito ao meio ambiente em crianças e adolescentes: a construção da moral ecológica. 2007. 267 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007.

GUIMARÃES, Mauro. Educação ambiental: no consenso um embate? Campinas: Papirus, 2000.

HARAWAY, Donna Jeanne. When species meet. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

HARAWAY, Donna Jeanne. Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes. ClimaCom Cultura Científica, v. 3, n. 5, p. 139-146, 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e estados: Indianópolis (MG). 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2013.





LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

LESTINGE, Sandra Regina. Pertencimento e educação ambiental. Curitiba: Juruá, 2004.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. São Paulo: Cortez, 2004.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NASCIMENTO, Maristella Santos et al. Oficinas pedagógicas: construindo estratégias para a ação docente-relato de experiência. Revista Saúde.Com, v. 3, n. 1, p. 85-95, 2007.

SICK, Helmut. Ornitologia Brasileira. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 912 p., 1997.

TSING, Anna Lowenhaupt. O cogumelo no fim do mundo: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Tradução de Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022. 412p.

VEGA, Lucienne Bezerra dos Santos; SCHIRMER, Simone Nogueira. Oficinas Ecopedagógicas: Transformando as práticas educativas diárias nos anos iniciais. REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande do Sul, v. 20, p. 393-408, 2008.

VELUZA, Thais; RECHETELO, Patrícia; PEREIRA, Luciana. Educação ambiental, sensibilidades e práticas pedagógicas com aves. Revista Educação Ambiental em Ação, n. 78, 2022.

VIGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

